

VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática



ULBRA - Canoas - Rio Grande do Sul - Brasil

16, 17 e 18 de outubro de 2013

Comunicação Científica



COMPARTILHANDO UM SABER DE EXPERIÊNCIA

Marlise Furlan¹

Francisco Egger Moellwald²

Educação Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Resumo: Este artigo se apresenta como uma composição das noções de experiência e experimento, consideradas em seus contrastes em Bondía (2002). Enquanto *experiência* diz respeito ao sentido do que nos acontece em nossas vidas, *experimento* se refere ao caminho da ciência, o método. Tais noções podem ser produtivas quando empregadas segundo uma composição complementar, respectivamente, em relação à potência do acontecimento e à competência técnica que nos cabe dominar nesta vida, sem que se possa afirmar que não exista nada para além das mesmas. Assim, neste texto busco trazer a *experiência* de uma professora na condução de um *experimento* realizado com um grupo de alunos, denominado Matemática Divertida (Matida). Caracterizo as noções de experiência e de sujeito da experiência e a forma em que se dá o saber da experiência. Comento a respeito de alguns fatores que podem impedir que a experiência nos aconteça, particularmente nos dias de hoje. E teço breves considerações sobre a composição experiência-experimento. Na sequência, apresento minha rota investigativa e como foi percorrê-la na forma de um grupo de estudos de matemática, constituído por onze alunos de sexto e sétimos anos, o grupo Matida. Por fim, compartilho o que me passou durante a vivência com este grupo e alguns de seus efeitos em minha docência.

Palavras-Chave: Experiência. Experimento. Grupo de estudo. Sujeito da experiência. Saber da experiência.

Anuncio que não se trata da “experiência” que adquirimos ao longo de anos de trabalho numa mesma função, na qual nos aperfeiçoamos, conhecendo todos os procedimentos, adquirindo agilidade e presteza na tomada de decisões. Entende-se aqui experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21).

¹ Mestre em Ensino de Matemática e Psicopedagoga. Professora e assessora pedagógica da Secretaria Municipal da Educação de Caxias do Sul. E-mail: marlise.furlan@yahoo.com.br

² Doutor em Educação Matemática. Professor do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: chico.egger@gmail.com

Assim, neste texto busco trazer a *experiência* de uma professora na condução de um *experimento* realizado com um grupo de alunos, denominado Matemática Divertida (Matida). Caracterizo as noções de experiência e de sujeito da experiência e a forma em que se dá o saber da experiência, comentando a respeito de alguns fatores que podem impedir que a experiência nos aconteça. Teço breves considerações sobre a composição experiência-experimento. A seguir, apresento minha rota investigativa e o que significou percorrê-la. Por fim, compartilho o que me passou durante a vivência com esse grupo e alguns de seus efeitos em minha docência.

Algo que nos acontece

A noção de experiência, referida em Bondía (2002), nos remete ao nosso interior, à percepção do que nos acontece e ao que fazemos com tal percepção. Diante disto, é preciso estar atento. Prestar atenção. Mas prestar atenção em algo que pode acontecer sem sabermos se vai acontecer e muito menos sem sabermos do que se trata. Trata-se de algo semelhante a um caminhar no escuro, em um local desconhecido, embora tal atividade nos remeta antecipadamente a surpresas; se estamos caminhando no escuro ficamos previamente atentos a e instigados por algo que poderá aparecer a nossa frente.

A atenção à experiência não se caracteriza pela antecipação ou, mesmo, pela previsão de algo que está a nos espreitar, essa experiência se caracteriza pelo inusitado, pelo não pensado, pelo não previsível. A atenção referida aqui remete à disponibilidade e à abertura do indivíduo ao que lhe acontece, diferentemente de seu significado mais comum, alusivo à concentração e ao cuidado. Se esperarmos pelo conhecido, ou até mesmo por uma surpresa, é porque já o sabemos. É como se já tendo vivido uma surpresa, soubéssemos antecipadamente as reações que estas nos provocam. Trata-se aqui de estarmos atentos a algo que poderá nos tocar (ou não), já que algo pode nos tocar sem ser percebido, devido a nossa falta de atenção. Então, não basta apenas que algo nos aconteça, se faz necessária a percepção desse algo que nos acontece. E, ainda: importa perceber também o que esse acontecer nos provocou no sentido de alguma transformação.

Cabe salientar que existem vários fatores que impedem que a experiência aconteça ou que seja percebida. Bondía (2002) aponta quatro: excesso de informação, excesso de opinião, falta de tempo e excesso de trabalho. Eu acrescentaria a esta lista outro indicativo que desfavorece a percepção da experiência nos dias de hoje: o pouco estímulo voltado ao interior do ser humano.

Nos dias de hoje tudo está acontecendo rapidamente e de forma tumultuada. “A velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória são inimigas mortais da experiência” (BONDÍA, 2002, p. 23), pois, para estarmos atentos ao que nos acontece e nos colocarmos como sujeitos da experiência, precisamos de atenção, tempo, tranquilidade e também concentração para estabelecer conexões conosco, buscando assim o saber da experiência.

Bondía (2002) nos apresenta algumas componentes fundamentais e inseparáveis desta noção de experiência, das quais destaco duas: a dimensão de travessia e perigo e a capacidade da experiência de formação ou de transformação. A dimensão de travessia e de perigo à que a experiência nos remete vem da própria semântica da palavra experiência:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através; *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. [...] Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. (BONDÍA, 2002, p. 25).

A experiência nos remete a um caminho não previsto, uma abertura para o desconhecido. Daí o sentido de travessia e de perigo do não sabido, pois ao passarmos por, atravessarmos, nos submetemos a algo que nos é desconhecido, nos expondo ao incerto, estamos agindo, de certa forma, como piratas; seres desbravadores de novos mundos, novas realidades, novas posses. Em meu caso, a busca por formação e transformação. Ao nos expormos ao incerto, ao não planejado, abrem-se, eventualmente, possibilidades para um encontro com o inusitado, o que é diferente, por exemplo, de alcançar objetivos previamente estabelecidos.

A experiência nos forma e nos transforma pela passagem de algo novo, o que se torna possível diante de nossa exposição ao incerto, de nossa abertura ao imprevisível, ao percebermos que determinada forma de pensar ou agir pode ser alterada frente às nossas percepções quanto ao que nos afetou, nos tocou e nos aconteceu. Dito de outra forma, essa contínua exposição nos conduz a uma formação em devir, contínua (trans)formação.

Mas por que a busca por formação ou transformação? O ser humano tem dentro de si o anseio pelo aprimoramento da própria existência, pela novidade, pela descoberta. De certa

forma, muitos de nós somos piratas que encaram desafios, buscando o novo, o inusitado, que se distingue em natureza da novidade do tipo mercadológico que nossa sociedade disponibiliza à nossa voracidade consumista, nos expondo ao ainda não atravessado, que poderá indicar um rumo ainda a mapear.

Este foi meu desafio, embarcar num barco sem destino pré-determinado, que foi a Matida, e “submeter-me” à experiência:

fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, *apud* BONDÍA, 2002, p. 25).

Dispus-me a fazer algo diferente de tudo o que havia feito até então no meio acadêmico e nas escolas onde já trabalhei. Quis fugir um pouco da correria que meus dias têm trazido ao longo desses anos letivos e criar um tempo para me expor, como solo fértil, a uma eventual semeadura; fazer uma experiência. Deixei minhas percepções em estado de alerta e tive resultados, compartilhados mais adiante neste trabalho. Fui uma pirata de sucesso ao me aventurar na criação da Matida, e encontrei um tesouro na percepção de minhas experiências ao longo dos encontros.

Sensível território de passagem

Bondía (2002) caracteriza o sujeito da experiência como um “território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, [...] inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (BONDÍA, 2002, p. 24). Nesse sentido, esse sujeito não se define “por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (BONDÍA, 2002, p. 24); trata-se de um sujeito que se expõe. O sujeito da experiência cria um tempo, mesmo no meio da turbulência, e utiliza esse tempo para perceber-se, atento ao que lhe passa, ao que lhe acontece, ao que lhe toca, e que pensa sobre isso. “E pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 21). Além disto, o sujeito da experiência está atento à transformação gerada pelo que lhe acontece.

Como no documentário *Ensuciarte la lengua: Idea para una película* (LARROSA, 2004), a Matida foi um lugar onde me expus como sujeito da experiência, um mar que atravesssei como um pirata, “ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (BONDÍA, 2002, p. 25). Para ser sujeito de minha própria experiência precisei de uma passividade constituída de paciência e atenção. Além disto, foram necessárias receptividade, disponibilidade e abertura para o novo, o impensável. Seria como pensar no Universo descrito pelos astrofísicos, um universo extremamente grande, com números compostos de muitas ordens numéricas. E mais, além desse “tanto enorme”, o quê?

Não se é sujeito da experiência permanentemente, pois nem sempre estamos atentos ao que se passa conosco, principalmente pela nossa rotina de vida, na qual o imediatismo toma conta do nosso tempo e determina nossas ações. Mas, para além disto é incapaz de se tornar um sujeito da experiência “um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade” (BONDÍA, 2002, p. 25).

Os diários dos alunos (cada aluno ganhou um caderno onde anotava o que desejasse, o que lhe passava, o que pensava) ajudaram bastante para que eu pudesse ver melhor o que acontecia ao longo dos encontros. As filmagens de partes dos encontros também foram valiosas. Pude observar com calma, posteriormente, alguns momentos dos encontros. Pude observar-me. O recurso de filmar alguns trechos proporcionou-me certa tranquilidade para poder caminhar ainda mais vagorosamente pelos encontros, além da possibilidade de retornar ao que neles me chamara a atenção, quantas vezes fosse necessário nesta minha tarefa de colocar-me como sujeito de minha experiência.

Aprendizado

A caracterização de sujeito da experiência, exposta anteriormente, vincula esse sujeito a uma noção de saber distinta dos saberes da ciência e da informação. “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (BONDÍA, 2002, p. 26), mas aqui não se trata de conhecimento em sua forma instrumental, como ciência e tecnologia, nem de conhecimento em sua forma mercadológica. E a ideia de vida não remete ao biológico, seja em termos de sobrevivência ou de consumo. Diferentemente, o saber da experiência caracteriza-se por um aprendizado que se dá por meio de uma exposição à vida, de uma abertura ao inusitado. Trata-se do saber “que se adquire no modo como alguém vai

respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p 27).

O saber da experiência distingue-se do conhecimento acima referido por ser finito, singular, interno ao sujeito, sem poder separar-se do indivíduo que o encarnou. Já aquele conhecimento caracteriza-se pela infinitude de crescimento, pela generalização e universalidade das informações, sendo exterior ao sujeito.

Somente o sujeito da experiência é capaz de perceber o saber da experiência. E o saber da experiência diz respeito apenas a esse sujeito, à percepção do que lhe aconteceu e ao sentido desse evento em sua vida; “ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (BONDÍA, 2002, p.27).

Breves considerações sobre a composição experiência-experimento

A ideia de compormos as noções de experiência e experimento em nosso referencial teórico não nos exime de algumas explicitações importantes, considerando as naturezas distintas dessas noções. Segundo Bondía,

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. [...] Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível. [...] Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até o previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”. (BONDÍA, 2002, p. 28).

O mesmo evento pode ocorrer para duas pessoas ao mesmo tempo, porém cada uma poderá percebê-lo de forma diferente, considerando suas singularidades. O evento é comum, mas a experiência é singular, naquilo que toca a cada um de forma única.

Um experimento pode ser realizado diversas vezes da “mesma” forma, visando comprovações de nossas previsões. Estas, por sua vez, foram aprendidas ao longo das inúmeras repetições desse experimento. Ou seja, o experimento é repetível. Já com a experiência isto não ocorre, devido a sua natureza incerta, não previsível. A experiência não é antecipável. Se o experimento é da ordem do estabelecido, a experiência é da ordem do insuspeito.

Existe o momento do ato da experiência. Aquele instante que nos toca. E percebemos este toque a partir do que ele nos provoca, ou seja, nos transformamos, embora, de certa

maneira, seja difícil imaginar essa tarefa, já que atos de experiência remetem a algo da ordem do insuspeito, do não previsível (BONDÍA, 2002).

A Matida

Ao cursar o Mestrado em Ensino de Matemática, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, deparei-me com uma disciplina vinculada ao estágio de docência. Após estabelecer algumas combinações com a escola em que lecionava à época e com meu orientador, decidi-me pela formação de um grupo de estudos com alunos dessa escola. O estágio constituiu o meu experimento e, mais que isso, o solo fértil em que brotaram algumas de minhas experiências.

O grupo de estudos, batizado com o nome Matida, se compôs com onze alunos de sexto e sétimos anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ramiro Pigozzi, situada no município de Caxias do Sul. O objetivo era estudar matemática com os olhos voltados para a segunda fase da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Os encontros ocorreram em horário diferenciado do das aulas.

O sentimento de pertença ao grupo se deu de imediato! Uma pertença com orgulho, contentamento, gosto pelo grupo e pelo que se fazia nele. Eram meninos e meninas que queriam algo a mais, além do que já era oferecido no período das aulas. Tinham vontade e interesse em aprender. Uns apresentavam facilidade em matemática, já outros tinham dificuldades desde o ingresso na educação básica. Cinco haviam sido classificados para a segunda fase da OBMEP e desejavam preparar-se para sua próxima prova, os outros queriam apenas estudar mais. No decorrer dos encontros os objetivos individuais fundiram-se, e uns ajudavam os outros. Esta foi uma característica da Matida, a ajuda mútua entre os colegas através das interações que surgiam a todo o momento durante os encontros.

Compartilhando uma experiência

Ao longo do meu envolvimento com a Matida percebi que parar para observar, por alguns minutos que fosse, pode nos oferecer um leque de possibilidades, voltadas ao que desejamos ou ao que nos surpreende, por estarmos abertos e atentos à potência do acontecimento.

Tenho por hábito observar meus alunos, enquanto docente. Costumo fazer relatos escritos das ações desenvolvidas em projetos ou outras atividades. Faço registros diversos. Mas sempre estive atenta ao que queria que acontecesse. Desta vez foi diferente. Saí da “rota turística” dos planos pedagógicos e adentrei “vias que atravessam” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2008a, p. 6), como frases ditas, registros nos diários dos alunos e expressões faciais. Ao afirmar que saí da “rota turística” e entrei nas “vias que atravessam”, observo que não estive atenta apenas ao objetivo principal da Matida, basicamente voltado à resolução de problemas e à descrição dos procedimentos adotados para a obtenção de suas soluções. Saliento, também, minha atenção ao que acontecia ao redor, aos comentários dos alunos sobre outros assuntos, a minha própria postura como professora — mais observadora dos alunos e de mim mesma. Minha atenção se fazia principalmente como uma forma de presença ao que quer que se passasse. E muito se passou. Na verdade, dei-me o tempo de “parar para olhar”, como nos diz Bondía (2002, p. 24), enquanto me locomovia “a pé” (MASSCHELEIN, 2008b, p. 1), com mais calma e tempo para observar os detalhes existentes ao longo do caminho da Matida. Andar “a pé” remete a uma demora no percurso de um caminho, a um prolongamento temporal para olhar o que existe ao longo deste caminho, o que possibilita a observação de mais detalhes. Diferentemente de locomover-se, por exemplo, por meio de um automóvel ou um avião, modos rápidos de passagem por uma estrada ou uma região. Remete também à calma, a se dar tempo e espaço à observação, a uma produtiva ociosidade. Andar a pé, fazer o gesto e “pronunciar a palavra oportuna” trazem calma, nos tornam atentos; estes gestos e palavras permitem que aconteça alguma coisa “(de novo)” (MASSCHELEIN & SIMONS, 2008a, p. 5).

Caminhei. Caminhei com atenção e calma no movimento do que acontecia. Momentos se tornaram dias, como foi o caso da elaboração de um problema, logo no primeiro encontro. Dias se tornaram momentos, como nos encontros em que passamos longos períodos de tempo resolvendo e descrevendo resoluções de problemas. A atividade docente pode ser rica quando estamos atentos!

Minha caminhada durante a Matida proporcionou-me percepções de experiências que me causaram transformações relativas a minha atividade docente. Dei-me por conta dessas percepções durante a Matida e após seu encerramento. Trago uma delas a este texto, visando apenas compartilhá-la, pois cada um aprende a partir da sua própria experiência, porque esta é singular, pessoal, irrepetível e única.

“Caminhar, olhar e escrever e não se deixar levar pela correnteza.” (LARROSA, 2004). Esta é uma das frases ditas por Larrosa em sua narração no documentário *Ensuciarse*

la lengua: Idea para uma película. No momento desta fala, surge a imagem de uma garrafa *pet* que, parcialmente submersa em um rio e submetida a uma forte correnteza, permanecia em uma de suas margens, sem deixar-se levar pela fúria da água corrente. Foi isso que fiz, dei-me um tempo sem deixar-me influenciar pelo automatismo da ação, que muitas vezes paralisava meu olhar docente: caminhei, olhei e escrevi. Senti, percebi e considerei minhas experiências, aquilo que me tocou, e as trago a este texto.

Perceber o que sinto e pensar sobre o que percebo, eis uma experiência e tanto! Expressar em pensamento o que se sente. Dar corpo escrito ao pensamento. É isso que intencionei. Pratiquei o exercício de estar presente no momento que passa, prestar atenção, mas uma atenção sem propósito pré-determinado. Sem isto, a percepção do inusitado momento da experiência passaria despercebida. Desta forma, expus-me, como sujeito da experiência, à Matida, que se constituiu em meu mar. Por isso a analogia à minha ação *peiratês*, referida em Bondía (2002).

A Matida, então, tornou-se um espaço que criei para expor-me a mim mesma. Abri um espaço dentro da escola para me olhar como educadora. Olhar no sentido de pensar sobre o que se passa comigo e em minhas aulas. Olhar no sentido de demorar-me nos detalhes e divagar sobre e a partir deles. Estava aberta ao saber da experiência. Sim, poderia ter feito isto nas aulas regulares. Porém, é possível que o sistema educacional, os horários, o planejamento não permitissem minha viagem “a pé”.

Penso que todo professor deveria fazer o mesmo uma vez ou outra. Expor-se a si próprio. Inclusive com filmagens, para que a ação de rever imagens seja possível, tantas vezes quantas se quiser, captando assim detalhes geralmente não percebidos no momento da aula.

Na Matida sentia-me presente, pois assim o estava, mas presente me auto-observando. Observei o que se passava comigo, percebi o que sentia durante os encontros. Analisei meu olhar. Senti alegria e entusiasmo. Percebia-me por mim mesma e também como se estivesse externa a mim, me observando em minha atuação, não apenas quando estava assistindo aos vídeos dos encontros, mas também enquanto esses encontros ocorriam.

É possível que sem o mestrado e, por consequência, o estágio de docência, a Matida não surgisse. Talvez eu não tivesse lido as *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* de Bondía (2002). Tudo isto é da ordem do imprevisível. O fato é que parei para perceber-me! Dei-me este espaço.

Em um seminário de que participei com o professor Larrosa, muitas vezes ele questionava: “E tu, o que pensas?” Permaneço até hoje com esta indagação em mente.

Questiono-me sobre o que se passa comigo, com os alunos: Por que esta resposta e não outra? Uso a mesma questão com meus alunos ao ser questionada por eles: “É assim que se faz?”

Palavra Final

Tatiana³, uma das alunas integrantes da Matida, em um dos encontros, quando estávamos pensando em como resolver um problema, fez o seguinte comentário: “Fiz uma coisa bem louca na minha cabeça, e agora tenho que tentar fazer a relação”. De certa forma foi assim comigo durante os encontros e, posteriormente, ao analisar o material empírico produzido e coletado no grupo. Pensei na Matida e em como ela se tornou meu caminho rumo ao desconhecido, atravessei-a como um pirata sob a perspectiva da “experiência”, pois não conhecia o caminho, nem o que iria encontrar. O que sabia é que me daria um tempo e um espaço com o objetivo de permitir-me olhar, sentir, escutar, pensar com calma o que se passava. Eu não sabia se iria acontecer algo, apenas me propus a ficar atenta. Caminhei. Olhei. Escrevi. Caminhei e olhei devagar. Escrevi rápido para registrar todos os sentimentos que me vinham. Li a Matida. Li a mim mesma. Construí imagens com palavras enquanto escrevia.

Criei um tempo dentro da Escola para que o inusitado tivesse a possibilidade de acontecer e para que eu pudesse buscar escrever minha percepção a seu respeito. Penso que todos os educadores deveriam passar por esta possibilidade gratificante: buscar perceber uma experiência e a transformação por ela gerada. Como educadores deveríamos nos reservar um momento ao pensar, ao olhar detalhado e ao registro desses movimentos. E nos proporcionar um tempo para a análise desse registro, na mesma medida com que reservamos tempo para as reuniões pedagógicas, por exemplo.

Na convivência com a Matida, o principal foi a minha condição de exposição a mim mesma. A experiência individual de expor-me. Isso só fazendo para saber, porque ouvir ou ler um relato é diferente, é do outro, tem um sentido mais distante e não dá a dimensão do outro. É como descrever o sabor de um fruto para alguém que nunca o experimentou por mais detalhada que seja essa descrição.

A percepção da experiência, quando nos sujeitamos à ela, é algo pessoal. Não se fazem necessários mega projetos nas escolas, nem nada em especial; indispensável se faz certo estado de alerta às percepções. Tive surpresas com a Matida desde antes dela existir,

³ Nome fictício

quando ainda estava convidando os alunos a participarem do grupo. E depois, no primeiro dia, ao perceber o contentamento, a alegria, o entusiasmo, a vontade demonstrada pelos alunos de pertencer ao grupo. Sentiam-se à vontade em participar, conversar, contar coisas. Estavam alegres. Tinham satisfação em pertencer a um grupo, cujo nome soava como um código entre eles.

Tenho vários anos de docência. A Matida durou horas. Porém, em termos de intensidade e transformação, as horas tornaram-se anos. Devido ao estágio do mestrado, organizei-me de forma mais detalhada, dispus-me a realizar os encontros fora do horário das aulas regulares, imediatamente seguidos de meus registros escritos, o que acarretou em um maior tempo de envolvimento. Tempo que valeu a pena, que marcou e transformou.

Mantive-me atenta e pensando sobre o que se passava nos encontros da Matida, o que procuro continuar a fazer agora, nas aulas e encontros de formação. E você, professor ou professora, o que se passa em suas aulas? Experimente abrir a sua porta quando nela o inusitado bater! E depois, compartilhe esses momentos!

Referências:

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, (Jan/Fev/Mar/Abr) 2002.

OBMEP. **Regulamento**. Disponível em:

<<http://www.obmep.org.br/regulamento.html> >. Acesso: em 05 mai. 2011.

LARROSA, Jorge. **Ensuciarse la lengua**: idea para una película. 1 vídeo-cassete (60 min) Barcelona: Universitat de Barcelona, 2004.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marten. (Eds.) Mensajes e-ducativos desde tierra de nadie. In: _____. **Europa 2006**. Espanha: Laertes, 2008a.

_____. Mensajes e-ducativos desde tierra de nadie. In: _____. **Pongámonos em marcha**. Espanha: Laertes, 2008b.